

Santa Marinha, Virgem e Mártir, 18 de Julho

Introdução

Apoiados no medievalista Pierre David, teremos na devida conta, dois factos importantes que nos ajudam a compreender (e a eleger) de forma aceitável e prudente, perante as dificuldades que encontramos (*de difícil ou impossível solução*), para determinar datas, lugares, vida e "*passio*", difusão da devoção e iconografia de alguns santos mais antigos, neste caso o de uma Santa com tanta veneração no Norte de Portugal e na diocese do Porto. Segundo o referido investigador e professor de Coimbra, até ao século VII, as igrejas paroquiais e catedrais não possuíam santo titular ou padroeiro. Só igrejas privadas e basílicas, fundadas com o fim de prestar culto especial a um mártir, procuravam obter as relíquias do santo titular da respectiva igreja. A partir do século VII, todas as igrejas procuram estabelecer um santo padroeiro. Os primeiros padroeiros são o Divino Salvador e Santa Maria, Mãe de Deus. Depois, vinham os mártires, com excepção para S. Martinho de Tours. Assim, quando os muçulmanos conquistaram a Espanha, já todas as igrejas teriam um santo padroeiro.

Santa Marinha (ou Margarida) ou Santas Marinhas?

Entre os padroeiros que oferecem algumas dúvidas quanto à sua existência histórica e dificuldades sobre uma correcta identificação, datação e uniformidade iconográfica, coloca-se Santa Marinha.

Porventura de origem oriental, cedo o seu culto se difundiu no Ocidente, talvez antes dos mártires da igreja latina. A explicação pode encontrar-se na proibição de, no Ocidente, fraccionar os corpos dos mártires, o que terá levado os cristãos, ávidos de relíquias para as suas igrejas (para fomentar a devoção e a peregrinação), a procurá-las no Oriente.

Santa Marinha pode, por isso, ser vista em **três versões**. A virgem e mártir de Antioquia, frequentemente confundida Santa Margarida (o que levou alguns a apresentá-la como sendo uma mesma santa) e da Bitínia; a segunda, com bastante implantação na Galiza e em Espanha, oriunda de Orense; a terceira uma das nove gémeas nascidas em Braga, por volta do século II (?). D. Rodrigo da Cunha, no século XVII, no seu Breviário, inscreveu a sua festa, em 18 de Julho. Mas há mais...

Comparando, em plano geográfico amplo...

Santa Marinha (Margarida) de Antioquia da Pisídia, Virgem e mártir, 20 Julho

Margarida (*Marinha na "passio" greca, atribuída a um certo Timóteo que é a principal fonte para a biografia*) nasceu em 275 em Antioquia da Pisídia.

O pai Edesimo ou Edesio era sacerdote pagão, por isso, a família de Margarida destacava-se na abastança, vida social e religiosa da cidade. Não resta notícia da mãe. Presumivelmente foi órfã de mãe, desde os primeiros dias de vida, de modo que o pai a entregou ao cuidado de uma ama que residia nas vizinhanças. A ama, cristã em segredo, educou-a na fé cristã e, na idade madura, fê-la baptizar, com total ignorância do pai. Eram tempos de grandes perseguições. E Margarida aprendia a história do heroísmo dos irmãos na fé e robustecia o seu espírito, decidida a imitar a coragem, demonstrada pelos cristãos, perante a crueldade das perseguições e desejava ser digna de testemunhar a sua fidelidade a Cristo.

O pai, não sabendo o que se passava, decidiu levar a filha, com quinze anos, para próximo da sua casa de Antioquia. Margarida, foi apanhada de surpresa e temia pela separação da ama e pelo estilo de facilidades que levaria casa paterna. Uma noite perguntou ao pai o que representavam aquelas estatuetas e lâmpadas que havia na casa. O pai explicou

que eram os ídolos que ele adorava e convidou Margarida a queimar o incenso a elas. Ela ouviu-o com indiferença, ao que o pai achou que ela não recebera uma educação religiosa à altura d sua condição social. Resolveu, por isso, dar-lhe um mestre seu conhecido que dirigia uma escola onde se ensinava um pouco de tudo. Margarida que não se agradava dos ensinamentos pagãos, acabou por dizer ao pai que era cristã. Então, o pai expulsou-a de casa e Margarida regressou à sua ama. Na povoação, Margarida dedicou-se, utilmente, a pastorear rebanhos e a atender outras necessidades que lhe apareciam, sem deixar, durante muito tempo, a oração, em particular, pelo pai e também pelos irmãos na fé, sobretudo os mais perseguidos.

Certo dia, conduzindo o rebanho às pastagens, foi notada pelo novo governador da província. Mal a viu, Oliario (ou Olibrio) ficou extasiado com a sua beleza e ordenou que a trouxessem diante dele. Após longo colóquio, o governador não resistiu em convencer Margarida a tornar-se sua esposa. Imediatamente, ela declarou-lhe que era cristã e de modo algum renunciaria à sua fé. Então o governador ameaçou-a com a flagelação e a cadeia. Ela respondeu-lhe: «*Pretendes que renuncie ao céu e escolha, em vez disso, o pó da terra?*» A legenda refere que a prisioneira foi constrangida a aparelhar um dragão para ser dilacerada, mas este desaparece quando faz o sinal da cruz. Olibrio, humilhado, deu ordem de queimar o seu corpo com fochos acesos e de fustigá-la. Todavia as feridas graves desapareceram miraculosamente. A notícia deste milagre difundiu-se rapidamente entre o povo e suscitou alvoroço, pois que alguns se fazem baptizar.

Segundo a tradição, no cárcere, apareceu-lhe o demónio sob a forma de um terrível dragão que a engoliu, mas ela, armada com uma cruz que tinha à mão, esquartejou-lhe o ventre, destroçando-o. Depois de um período breve de cárcere, Margarida foi sujeita a um fatigante interrogatório perante toda a população. Nesta ocasião, não hesitou em proclamar toda a sua fé e revelar que dedicou a Cristo a sua virgindade. Uma vez mais foi pressionada a adorar e queimar o incenso aos deuses pagãos, mas recusou. Diante do povo, referiu a passagem do evangelho de S. Mateus: «*quando fordes levados diante de governadores e reis, não vos preocupeis em saber como ou do que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que haveis de dizer, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito do vosso Pai é que falará em vós*» (Mt 10, 18-20). Enquanto todos observavam estas coisas, uma forte sacudidela fez estremecer a terra e apareceu uma pomba com uma coroa que colocou na cabeça de Margarida. Este facto prodigioso, as afirmações de Margarida, a sua refutação das práticas pagãs e as muitas conversões que se deram, levaram a que toda a fúria do governador declarasse sentença de condenação de Margarida: "*Seja decapitada fora da cidade*".

Margarida foi decapitada a 20 de Julho de 290, com a idade de 15 anos. O corpo foi recolhido e levado pelos fiéis para lugar seguro e venerado por muita gente. Segundo a tradição um peregrino de nome Agostinho da Pavia, no século X, conseguiu furtar, após várias peripécias, o corpo e transportá-lo para Itália, a Roma a fim de seguir para Pavia. Durante a viagem, parou em Montefiascone (Viterbo) e foi acolhido pelos beneditinos do mosteiro de S. Pedro, aos quais relatou as peripécias da viagem. Passados alguns dias o peregrino adoeceu e morreu, tendo, entretanto, recomendado aos monges que conservassem e venerassem a preciosa relíquia. Daqui, começou a difundir-se o culto a santa Margarida por toda a Itália e outras regiões da Europa e em muitas terras e cidades se erigiram igrejas em sua honra.

A fama de Santa Margarida ganhou importância por fazer parte dos "quatorze Santos Auxiliadores", assim designados pelo povo cristão que a eles recorre nos momentos difíceis: Acácio, Egídio, Bárbara, Brás, Cristóvão, Ciríaco, Dionísio, Erasmo, Eustáquio, Jorge, Catarina, Margarida (ou Marinha), Pantaleão e Vito.

Santa Marinha da Galiza (11 de Julho)

Orense reivindica Santa Marinha, como santa sua, desde o séc. XIII, mas, ao menos, desde a introdução do seu nome no Martirológio Romano de 1586. Todavia nem tudo está

esclarecido nesta legenda, que não resiste à crítica hagiográfica. Um autor espanhol prefere dizer que a Santa Marinha de Orense talvez fosse uma santa local, que, por falta de legenda própria, adoptou a de santa Marinha de Antioquia.

Finalmente, parece que o culto a Santa Marinha, virgem e mártir de Antioquia, de origem oriental e um dos primeiros cultos a ser recebido no ocidente, aparece já documentado na Península Ibérica desde meados do século IX e tornou-se um culto muito popular também em Portugal.

De facto, esta Santa espanhola reproduz inteiramente a legenda de santa Margarida que, devorada por um dragão, saiu triunfalmente do seu ventre, com o auxílio e o instrumento de uma cruz. Contudo, a sua existência é incerta, e a sua “*vita*” e “*passio*” está decalcada na da santa de Antioquia. Trata-se de uma donzela galega cristã que não quer renunciar à sua fé nem submeter-se aos desejos do governador romano Olibrio que, por isso, a mete na prisão. À espera do martírio, pede a Deus lhe mostre o demónio que a atormenta. Este apresenta-se sob a forma de dragão, que a engole. Porém, com uma cruz, abre-lhe o ventre e sai ilesa.

A outra legenda, com possível reprodução escultórica no pórtico da igreja, refere uma narrativa anterior de uma menina que com vestes de rapaz deu entrada num convento masculino e que é relatado a propósito de outra santa mártir de nome Marinha, do séc. VI.

A legenda da outra Santa Marinha da Bitínia, Ásia Menor, entre V e VI séculos.

Órfã de mãe, o pai, honrado e santo, chamado Eugénio, tomou conta da menina. Decidiu abandonar a vida do mundo e retirar-se, para levar uma vida de penitência. Mas, faltava-lhe coragem de o dizer à sua filha. Um dia, porém, sentindo-se firme, decidiu dizê-lo. Marinha desfez-se em lágrimas e pensava o que havia ser de si, órfã de pai e mãe, e sozinha. Procurou dissuadir o pai ou, então, que a levasse consigo, para o mosteiro. Mas o pai refutou a proposta e tratou logo de entregar a filha a um parente íntimo. Dando entrada no mosteiro de Canobin, nas fraldas do monte Líbano, famoso pela santidade e ciência de monges tão ilustres e, situado em lugar sereno e belo, como observatório da planura da Síria e da grandeza dos longes e da imensidade do Mar Mediterrâneo. Assim, Eugénio realizava o seu desejo de se tornar cenobita. Mas, o coração esteve sempre com a filha, sendo incapaz de abafar os impulsos do amor paterno. Deixando-se apoderar de uma grande tristeza e melancolia, evitava o olhar do Abade, muito atento a cada monge. Ele próprio já tinha notado que Eugénio andava perturbado. Na igreja, com palavras de grande afecto, dissera-o a Eugénio que, tocado pela afabilidade, se lançou aos pés e, prostrando-se, com copiosas lágrimas, revelou-lhe que tinha deixado, na sua cidade, o seu filho único, um anjo de virtude, que, antes de partir, lhe tinha manifestado o desejo de se tornar monge, mas que ele refutara e não consentira. O Abade, ao ouvir isto, comoveu-se e enviou Eugénio à cidade para trazer o rapaz, seu único e amado filho, para o mosteiro, depois de confirmar o seu desejo de ser monge. Eugénio, com tal proposta ficou tão contente que imediatamente foi à cidade ter com o filho e levar-lhe a grande notícia. Quis primeiro saber se Marina ainda desejava entrar no Mosteiro. O seu entusiasmo foi tão grande que, imediatamente, vestiu a filha com o hábito masculino de monge, depois de lhe ter cortado a sua bela cabeleira. Mudando-lhe o nome de Marina em Marino, levou-a para o mosteiro de Canobin.

Como a jovem de idade de quatorze anos, a todos pareceu um anjo monge, nenhum duvidou que «Frei Marino» fosse mulher. E ela, iniciada na vida de monge, dedicou-se inteiramente ao Senhor e aos pobres. Passaram três anos que Marina usava o hábito de cenobita e verificou que o pai se aproximava do fim da vida. Antes de morrer o pai recomendou-lhe que guardasse em segredo a sua verdadeira identidade, até ao fim dos seus dias, e vigiasse as astúcias do demónio. Tendo ficado sozinha, após a morte do pai, Marino foi um exemplo de virtudes cristãs, cada vez mais fiel na observância das regras que aprendera do pai e que praticara com ele.

Os monges do mosteiro eram solícitos, às vezes em turno de quatro, uma vez por mês, em ir com um carro de bois, ao mercado, de uma aldeia, próxima do mar, onde compravam

tudo o que era preciso às suas necessidades. Se acontecesse que a noite adviesse de súbito, instalavam-se num albergue chamado de Pandasio, pertença de devotos do convento, e de manhã cedo, retomavam o caminho de regresso ao cenóbio. Sempre que lhe calhava esse turno, também Marino na companhia desses confrades, deveria ir a essa terra.

Pandasio, amigo dos frades, tinha uma única filha que ficou grávida de um soldado, cuja paternidade escondia. Dando-se conta da gravidez, perguntaram-lhe o nome do seu sedutor. A referida senhora, de acordo com o seu soldado, para o livrar, disse que fora seduzida por Frei Marino que dormira muitas vezes na casa e que de facto fora quem lhe violara a sua virgindade. Com tal revelação, sem pensar seriamente no que tinha afirmado a rapariga, cheios de ira, correram ao mosteiro e com palavras duras contaram a torpe injúria, ao Abade. Admirado com esta grave acusação, nem queria acreditar. Para desculpá-lo, perante os insolentes acusadores, chamou Marino que, sentindo-se acusado, apesar de facilmente poder defender-se, nada respondeu. Travava dentro de si uma batalha terrível entre a carne e o espírito. O corpo temia o castigo iminente que se anunciava cair-lhe em cima. Persuadia-se que não seria grave desvendar o seu segredo, nesta circunstância excepcional. Mas o espírito reprimia-o a não se afastar dos preceitos paternos, tantas vezes repetidos no segredo da sua cela, a não o revelar até ao último dia da sua existência terrena e lhe apontava ainda a tolerar as próximas penitências, por Jesus, que tanto por ele sofrera.

No fim, venceu o espírito e, prostrado aos pés do Abade, com lágrimas nos olhos, disse: *“Pai, pequei, dai-me a Penitência!...”* O acesso de indignação do Abade, por tal resposta, era tão grande pela frustração que, por ele, tombava sobre o convento e, por isso, expressou o desejo que Frei Martino não mais habitasse dentro daqueles muros e no meio daqueles monges e o expulsou do mosteiro que tinha sido o seu paraíso.

Marina, encontrou refúgio numa gruta, junto de um penhasco do convento. O seu leito era a terra nua, a penitência e a mortificação eram ásperas e contínuas, e o seu alimento eram as esmolas dos que por aí passavam. Cerca de um ano depois, a filha do estalajadeiro, lançou-lhe aos pés, o fruto do seu vergonhoso e impuro amor. Marina acolhe a criança, como se fosse verdadeiramente o seu filho e dedicou-se afectuosamente a ele, com um cuidado total, partilhando o seu próprio pão. Diz-se que o menino se chamava Fortunato. Naqueles anos, Marina foi tentada muitas vezes por Satanás que a procurava descontrolar sobre um ponto sensível da mulher: a beleza. Mas ela não cedeu à tentação.

Passados cinco anos, os monges que tanto admiravam a perseverança de Marino e a sua extraordinária penitência, comovidos por tanta virtude, prostraram-se diante do Abade, a fim de que se dignasse readmitir Frei Marino no meio deles. O Superior resistiu, mas depois de tanto pedido de perdão dos próprios irmãos, cedeu. Levada a notícia, Marina chorou e ao entrar no convento, lançou-se aos pés do Abade e beijou-os. Declarou-se feliz por poder servir, em tudo, aos seus irmãos. Foi-lhe dada a tarefa de toda limpeza do mosteiro e de carregar a água para os confrades. Pouco tempo depois de ter reentrado no convento, Marina, de constituição delicada, tendo vivido sempre entre fadigas, mudanças e sofrimentos, gasta pela extraordinária penitência, sofrida durante cinco anos contínuos e dos trabalhos que lhe atribuíram na reentrada do convento, viu que os seus dias estavam prestes a terminar.

Certa manhã, os seus confrades não a vendo, ficaram preocupados pela sua saúde, acorreram e verificaram que estava no limiar da morte. Ao seu lado, estava o pequeno Fortunato que nunca a abandonou, pensando que fosse o pai. Marina, à beira da morte, lembra-lhe que deve amar o próximo e jamais ofender a nosso Senhor. A criança, preocupada com o pai e com a sua expulsão do convento, ora ao Senhor para que o seu pai não morra. Mas Maria assegura-lhe que não mais será expulso do convento. Tal declaração foi um prodígio, pois que o menino nunca foi expulso do mosteiro. O Abade, lembrando que Frei Marino fora um pecador, determinou que o sepultassem num lugar longínquo do mosteiro.

Era costume dos Cenobitas lavar os corpos dos que morriam no mosteiro, por isso dois frades foram à sua cela para o efeito. Mas, imprevisamente, retrocederam e após terem olhado um para o outro gritaram estupefactos que Frei Marino era uma mulher e não um

homem, até que chegaram os outros frades que gritaram com alegria “Santa Marinha!” Com tal grito, correu o Abade que verificando o acontecido, se prostrou aos pés de Santa Marinha e pediu perdão ao Senhor pela punição que lhe aplicara, orando longamente. No fim, ordenou que o sagrado corpo fosse depositado na igreja durante diversos dias para veneração pública e solene dos fiéis. Sabendo a notícia ocorreu muita gente de toda a região.

Entretanto, a notícia chegou também aos ouvidas da caluniadora, a filha de Pandaso que, por vergonha, se fechara primeiro em casa. Mas depois, não podendo permanecer por mais tempo, saiu e confessou o seu pecado. Dizia que queria ser engolida pela terra, mas uma inspiração a convenceu a ajoelhar-se diante da santa. A Canobin, antes dela, veio o pai que também ele pediu perdão pelo seu pecado. A caluniadora entrou no mosteiro e ajoelhou-se diante do corpo da santa, implorando perdão. Nesse instante, deu-se o primeiro milagre de Santa Marinha que intercedeu a Deus para que a libertasse de Satanás que durante esses anos a havia insidiado. Por isso, uma luz do céu iluminou-a e curou-a.

Por créditos históricos se deduz que Santa Marinha morreu em 12 de Fevereiro. O seu cadáver foi exposto aos fiéis durante sete dias. Dele emanavam perfumes de flores que envolviam os circunstantes. Depois foi sepultada, mas a sua tumba não foi esquecida e tornou-se lugar de prodígios e curas e logo venerada em todo o Oriente. Difundiu-se o seu culto no Ocidente, primeiro, pelos monges Basilianos e pelos cruzados, que o trouxeram para Itália, Espanha, França e Grécia. As suas relíquias durante muito tempo permaneceram em Canobin, mas por causa das incursões árabes foram levados primeiro para a Roménia, depois, por acção dos imperadores, para Constantinopla e sucessivamente. Em 17 Julho 1228 foi trasladado para Veneza graças a um mercador chamado Bora que, secretamente, pagando avultada soma de dinheiro, se apoderou das relíquias da Virgem.

A Santa Marinha de Braga, Virgem e mártir, 18 de Julho

Governava a cidade de Braga, pelo ano 120, um tal Lúcio Caio Atílio Severo e era casado com Cálcia. Cálcia, que era pagã, dera à luz nove filhas de um só ventre (Genebra, Vitória, Eufémia, Marinha, Marciana, Germana, Basília, Quitéria e Liberata). Aterrada com tal fenómeno, pediu à parteira para que as afogasse no rio Este. Como esta fosse cristã, pegou nas meninas e levou-as a S.to Ovídio, bispo de Braga (?) para que fossem baptizadas. As meninas, distribuídas por famílias cristãs, foram educadas até à idade da adolescência. O pai que, acabaria por reconhecê-las como filhas e fez tudo para que abjurassem a fé cristã e casassem com mancebos pagãos. Perante a renitência das gémeas, que tinham feito voto de virgindade, o pai irou-se, expulsando-as de casa. Acabaram por morrer todas mártires.

Não há qualquer documento, com valor histórico, sobre a vida desta santa. O Martirológio Romano faz a sua comemoração dela neste dia. Os Bolandistas (colaboradores dos jesuítas) afirmam que foi martirizada perto de Orense.

O monge beneditino de Pombeiro, Fr. Bento da Ascensão, publicou em 1722 uma das mais interessantes criações da imaginação popular sobre hagiografia. Refere-se ele ao nascimento e vida de nove irmãs, das quais uma era Marinha. O que seleccionamos e reproduzimos, vem publicado no Ano Cristão do *Padre Croiset, S.J.*, traduzido e adaptado do francês pelo Padre Matos Soares, Vol VII. Tipografia Porto Médico. 1923. pp 250-254.

Para se subtrair às sátiras do mundo e à indignação de seu marido, Cálcia concebe a infernal resolução de mandar afogar as meninas, sem exceptuar nenhuma. Comunica o seu execrando projecto à única pessoa que lhe tinha assistido ao parto, Cita, a devota donzela e cristã oculta, depois de a obrigar a guardar o mais rigoroso segredo, e ordena-lhe que faça primeiro divulgar a notícia, de que ela tivera um infeliz insucesso no parto, e que, após o recolhimento da família, aproveitando o escuro da noite, saísse do paço e fosse mergulhar as nove meninas, num dos poços do rio Este.

...Chegando ao conhecimento destas angélicas meninas o perigo a que tinham estado expostas, quem eram, e qual fora o seu admirável nascimento e a bárbara determinação de sua ímpia mãe, de entregá-las à morte em tempo que apenas entravam na vida, e do modo como Deus, pela sua Divina Providência, as livrara da morte, não só do corpo mas também da alma, por meio do sagrado Baptismo; em agradecimento de tão grandes benefícios, resolveram estas gloriosas virgens, estas santas irmãs, deixar de todo o mundo e habitar juntas na mesma casa, como em clausura, para assim melhor servirem e agradarem a Deus, resistirem com maior fortaleza aos seus inimigos, e crescerem mais na virtude e na castidade com os exemplos umas das outras... Abrasadas estas santas meninas no fogo do amor divino, cada qual por si, e umas na presença das outras, fizeram todas voto de castidade, consagrando a sua virginal pureza àquele soberano Senhor, que as fizera nascer dum tão milagroso parto, e depois de nascidas as livrara da morte, que sua mãe lhes mandara dar, criando-as e sustentando-as até ali, com providência tão particular... Esta foi a criação e a virtuosa vida destas nove irmãs, nos arrabaldes de Braga, onde viveram nove ou dez anos, e com tanta perfeição, como se já estivessem no céu... e finalmente todas cheias de fervorosos desejos de passarem a gozar da presença do seu Divino Esposo, por meio da ilustre palma do martírio, e para o conseguirem dirigiam ao céu fervorosas súplicas. Estas foram atendidas e os seus desejos satisfeitos. Foi por esta ocasião, que se levantou uma cruel e terrível perseguição renovando-se o cruel edito já principiado por Nero, cujo fim era extinguir totalmente do mundo o adorável nome de Jesus Cristo em Braga... Logo que este decreto chegou às mãos do Régulo de Braga, mandou-o publicar em todas as cidades do seu domínio... dirigiram-se à casa onde viviam as nove irmãs, e encontrando esta santa comunidade de virgens, certificados de que elas eram cristãs, as levaram presas à presença do Régulo... Com muita alegria caminhavam as santas meninas ansiosas por serem apresentadas no tribunal, para serem julgadas e sentenciadas pelo Régulo, seu pai. Este, apesar de ainda as não reconhecer como suas filhas... lhes fez diferentes perguntas relativas à sua pátria, país e religião que professavam e se estavam resolvidas a dar cumprimento ao que mandavam os Imperadores, adorando os deuses... Santa Genebra tomou a palavra e respondeu em nome de todas: A nossa pátria, senhor, é a cidade de Braga; se desejais saber donde descendemos, podeis acreditar que nas nossas veias circula o sangue da principal nobreza desta província; pois que todas somos tuas filhas e de Cálcia tua consorte. Enquanto à religião que professamos sabe que todas adoramos Jesus Cristo, filho de Deus vivo, com quem nos desposamos pelo Baptismo; e que todas estamos resolvidas e prontas a dar o sangue das próprias veias pela confissão do seu santo nome, ainda à custa dos maiores tormentos... e concluiu dizendo: Aqui estamos na tua presença; dispõe de nós como melhor te parecer... Não há termos com que se possa explicar a impressão que esta notícia produziu no coração do Régulo Bracarense... Suspende logo o acto judicial, e manda retirar os ministros, ficando só com as meninas e com Cita, que as acompanhava. Tira-lhes dos pulsos as algemas e conduzindo-as ao interior rio palácio, chama Cálcia, sua mulher, e conta-lhe tudo o que ouvira a Genebra. Cálcia fica cheia de confusão e de medo... Abraçam, uma por uma, as ternas meninas, cobrem-nas de beijos, empregam toda a autoridade e arte para as persuadir que, abjurando o Cristianismo, adorassem os ídolos... Ponderou-lhes a alta qualidade dos seus ascendentes, a abundância das riquezas, o amor e desvelo com que procurariam, para cada uma dignos esposos... Porém as nove meninas, com uma firmeza e constância inabalável, desprezaram todas as promessas, e permaneceram firmes na sua resolução. Vendo o Régulo frustrados todos os esforços... encheu-se de indignação, e parecendo-lhe que acabariam com ameaças, o que não podiam as carícias paternas, começou a prometer martírios, jurando pelos seus deuses que lhes tiraria a vida, à força dos tormentos mais esquisitos... Serenou Cálcia estas furiosas iras de Atílio, e conseguiu dele, a poder de rogos, que se lhes desse algum tempo para considerarem aquilo que deviam escolher, esperando que, como meninas, tomariam outra resolução... e de comum acordo as deixaram sós encerradas num dos salões do seu palácio. Depois que seus pais se retiraram, as nove meninas, prostradas ante a presença do Altíssimo, lhe suplicaram com toda a candura de suas almas angélicas, que lhes inspirasse o

modo como haviam de dirigir os seus passos no caminho da vida, e lhes desse constância e fortaleza, para nunca anuírem a tão detestáveis proposições; nem temerem a morte, que por instantes as esperava. As suas preces foram prontamente ouvidas e as fervorosas súplicas favoravelmente despachadas. Lá por entre a escuridão da noite uma brilhante claridade vem iluminar aquela prisão; desce um anjo do Senhor, que vem confortar as suas fiéis esposas naquela tribulação, e, depois de lhes fazer conhecer o perigo, em que estão, de apóstatas da religião santa, lhes intima da parte de Deus a ordem de fugirem, quanto antes, daquela casa, e de seguir cada uma a direcção que o Senhor lhes inspirar. O mesmo anjo, que lhes intimou a ordem do céu, lhes facilitou a saída do palácio, sem que alguém desse conta da ausência delas. Caminharam todas juntas por algum tempo, por entre as trevas e silêncio da noite, até que assentaram entre si apartarem-se umas das outras, e antes de darem mutuamente o abraço da despedida, santa Liberata, levantando as mãos e os olhos ao céu, proferiu a seguinte súplica:

Senhor meu Jesus Cristo, que permitistes, nascêssemos todas num dia, e, livrando-nos do trânsito da morte, nos destes nova vida da graça, pedimos-vos, Senhor, pela vossa divina misericórdia, e pelo eterno e incomparável amor com que nos amastes, sejais, meu Deus servido, levar-nos todas ao descanso eterno, e não consentais, meu bom Jesus, que se apartem do caminho da glória aquelas que tão unidas foram enquanto viveram na terra.

Todas com o mesmo espírito e com a mesma fé responderam: Ámen. Deram os últimos abraços umas às outras, em sinal de recíproco amor, e como quem se despedia para se não tornar a ver na vida mortal, se despediram as angélicas meninas, dirigindo-se cada uma para onde o divino Esposo as encaminhou, e apesar dos esforços empregados pelo pai e pelos domésticos e vizinhos, que foram logo à procura delas, apenas puderam apanhar santa Quitéria, com algumas pessoas que a acompanhavam, todas as mais conseguiram evadir-se para diferentes terras.

Santa Marinha foi encaminhada pelo divino Espírito para a Galiza. Ai, depois de ter servido a uma lavradeira perto da cidade de Orense, foi depois perseguida por ser cristã. Primeiramente a açoitaram até lhe dilacerarem as carnes. Em seguida foi descarnada com pentes de ferro. Depois encarcerada numa escura masmorra, sendo aí visitada e curada por um anjo. Queimaram-lhe depois as costas e os peitos com ferros em brasa, e prendendo-a de pés e mãos a lançaram num tanque de água donde saindo milagrosamente livre foi metida em uma fôrnelha embravecida com chamas, as quais, separando-se para os lados, nem sequer a tocaram levemente. Foi por isso degolada em Águas Santas, perto da cidade de Orense, na Galiza, onde El-rei D. Afonso o Magno, mandou edificar numa igreja dedicada ao seu culto.

O culto de Santa Marinha está confirmado na Grécia, onde substituiu Artemisa, deusa da castidade, e entre os maronitas e arménios que o levaram para Veneza. Na ilha da cidade de Paris, havia uma igreja, sob sua advocação, a mais pequena das paróquias parisienses, a do arcebispado.

Na diocese do Porto, no séc. XVII, Santa Marinha era orago de 10 paróquias (D. Rodrigo da Cunha), actualmente de 15 paróquias.

É patrona dos camponeses, das parturientes, das amas e invocada contra a infertilidade.

Iconografia profusa

Palma, Livro, Espada, Cruz, Martelo, Coroa e dupla coroa, pomba com coroa, Veste nobre

Representações

Unicórnio – castidade, virgindade (virgem), Veste de monge com o saco e/ou com menino, Cordeiro ou cordeiros e bastão (pastoreio), Monstro: dragão terrestre ou do mar, Anjo ou anjos, etc. A análise das diferentes representações permitem a identificação do espaço iconográfico e as suas influências.

Algumas representações particulares

Santa Marinha era representada com hábito de monge e um menino nu, nos braços. Na arte bizantina, empunha um martelo, com que golpeia o diabo que prendia pelos cabelos e vencia com o pé, com o bastão (a lança) ou a cruz. As miniaturas francesas mostram-na sobretudo entrando no convento com o pai ou nutrindo o seu pretense filho.

Séc. XI: Fresco em São Vicente de Galiano.

Séc. XIII: Baixo-relevo, na igreja de Farnovo Taro, junto de Parma.

Séc. XIV: Francisco Volterra. Fresco do cemitério de Pisa. A santa está sentada às portas de um convento.

Séc. XVI: Frescos romenos de Balinesti (Moldávia). Santa Marinha bate no diabo com um martelo.

MA